

TÚNEL ILUMINADO

* Roberto Rodrigues

Havia muito ceticismo quanto aos resultados da reunião do G20 realizada em Londres poucas semanas atrás. Esta falta de entusiasmo se devia basicamente à perda de protagonismo dos grandes organismos multilaterais, inclusive a própria Organização das Nações Unidas, impotente, por exemplo, por ocasião da invasão do Iraque ocorrida na era Bush.

Outras instituições também vinham patinando em suas responsabilidades: a Organização Mundial do Comércio não é capaz de punir países que descumprem suas determinações, caso típico do subsídio americano ao algodão, condenado em painel liderado pelo Brasil. A FAO, encarregada da alimentação e agricultura, há anos luta contra a fome, mas não consegue políticas nacionais nesta direção, de modo que o número de famintos aumenta no mundo todo.

Até as grandes instituições financeiras globais, como o FMI e o Banco Mundial já não têm recursos suficientes para atender à crescente demanda dos países emergentes, potencializada com a crise financeira.

A desmoralização do MERCOSUL é outro exemplo desta erosão dos blocos e instituições: é só um determinado setor se sentir prejudicado em sua competitividade que o país anfitrião já trata de criar barreiras à importação do produto afetado.

Claro que tudo isto se faz em nome da soberania nacional e do livre arbítrio das Nações.

Mas a crise vinha gerando uma nova onda de protecionismo, especialmente nos países ricos, assombrados com os fantasmas do desemprego e da recessão. Esta onda claramente ajudava a desmontar ainda mais a institucionalidade multilateral, detonando até mesmo a tão sonhada abertura comercial e a própria globalidade. Pior, a ONU, criada para defender a paz universal, podia, perdendo influência, naufragar num oceano de turbulências regionais pouco pacíficas.

Tudo isto, observado ao longo dos últimos anos, explica o ceticismo quanto à reunião do G20; mas não foi tão ruim.

Afinal, o G20 representa mais de dois terços do PIB mundial, e tomou decisões do tamanho desta representatividade, tais como triplicar os atuais recursos do FMI para atender aos países mais apertados, parte disto para a promoção comercial, indispensável para o desenvolvimento equilibrado.

O Brasil teve um papel maior e melhor que em outros eventos similares, e se posicionou com firmeza pela regulamentação do sistema financeiro internacional.

Nosso agronegócio tem muito a ganhar com estes assuntos, seja por causa da tecnologia tropical sustentável que desenvolvemos, seja pelos biocombustíveis, seja pela nossa carne “verde”, seja na luta pela preservação da Amazônia, seja na abertura comercial que se deseja.

Claro que temos ainda muito que fazer, inclusive nos mecanismos de verificação da produção, rastreabilidade e certificação, mas estamos caminhando nisso.

O Brasil ajudou o G20 a iluminar o túnel, e não é só uma luz no fim dele. Agora, mãos a obra para manter a luz acesa.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**